

TRANSFORMAÇÕES DA IDENTIDADE DAS IMIGRANTES ANGOLANAS EM TORONTO: UM ESTUDO PRELIMINAR

Diana Cohen Reis
Victor Pereira da Rosa
Université d'Ottawa

Robert Aaron Kenedy
York University

RESUMO

Se bem que as mulheres de expressão portuguesa no Canadá tenham servido de tema para algumas publicações (Noivo, 1997; Januário e Marujo, 2000; Giles, 2002), a maioria das referências bibliográficas trata das imigrantes lusófonas vindas de Portugal (Nunes, 1998). De uma maneira geral, os trabalhos de investigação sobre imigração e instalação nos países ocidentais têm tendência a ignorar as experiências das mulheres imigrantes de cor (Dua e Robertson, 1999). Devido à língua comum, os canadianos consideram muitas vezes os grupos de expressão portuguesa como uma unidade. Fora da comunidade, são desconhecidas as tensões que existem entre os diferentes grupos lusófonos. Por conseguinte, impõe-se examinar as necessidades das imigrantes angolanas, de maneira a fazer propostas relativamente a algumas dificuldades por elas sentidas, pois, apesar de o seu número ser reduzido, elas constituem, no entanto, uma comunidade com um grande potencial.

ABSTRACT

Althou the women of Portuguese expression in Canada have served as publication themes (Noivo, 1997; Januário e Marujo, 2000; Giles, 2002), most of the bibliographical references is about Portuguese immigrants (Nunes, 1998). In a general maner, the investigation works about immigration and settlement in western coutries have a tendency to ignore the experiences of the immigrant

colour woman (Dua e Robertson, 1999). Due to the common language, the Canadians consider, most of the time, the groups of Portuguese expression as a unit. Outside the community, the existing tensions between the different groups are unknown. So, it is imperative to examine the needs of the Angolan immigrants, so that proposals can be made towards some of the difficulties felt by them, because besides their number is reduced, they constitute, meanwhile, a community with great potential.

INTRODUÇÃO

Existe apenas um ensaio sistemático sobre a diáspora angolana no Canadá (Lebert, 1999). O presente artigo tem por objectivo contribuir para a literatura de especialidade sobre as angolanas e a sua migração para o Canadá. Interessa-nos compreender como este processo influencia a formação da identidade destas mulheres, a fim de se chegar a uma melhor compreensão das suas vivências. De facto, um estudo das angolanas em situação minoritária é mais que oportuno, pois muitas vieram para o Canadá como imigrantes independentes, quer dizer não acompanhadas pelas respectivas famílias. Ignora-se com frequência as necessidades das mulheres para ultrapassarem as dificuldades de fixação num meio de acolhimento, onde tudo é diferente, a começar pelo idioma. A estas barreiras normais, deve-se acrescentar as complicações burocráticas, associadas à política de imigração canadiana (Giles, 2002 :21).

O crescente influxo de angolanas de expressão portuguesa representa um desafio, tanto para elas como para o Canadá, e realça a necessidade de se efectuarem trabalhos de investigação sobre esta comunidade. Isto é especialmente importante no contexto das deportações de refugiados angolanos, o que tem alarmado este grupo étnico. Com efeito, o governo canadiano defende que os refugiados angolanos deixaram de poder requerer esse estatuto, uma vez que terminou a guerra civil em Angola (*Sol Português*, 19 Abril 2004). Não obstante se terem confrontado com numerosas dificuldades a fim de tentarem refazer as suas vidas no Canadá, o governo federal insiste na sua repatriação para o país de origem.

A bibliografia sobre as mulheres de origem africana foca diversas questões relacionadas com a imigração e o meio laboral (Giles, 2002; Messias, 2001 e Lebert, 1999), descrevendo grupos de expressão portuguesa e as suas experiências de imigração. Toro-Morn (1995), Messias (2001), Giles (2002) analisam as relações entre mulheres imigrantes e o mercado laboral. O estudo comparativo de Franz (2004) investiga os empregos de refugiadas da Bósnia, tanto em Nova Iorque como em Viena. Esta estudiosa interessou-se

especificamente pelos mecanismos de sobrevivência utilizados nos países de imigração.

As conclusões sublinham as dificuldades vividas pelas imigrantes na formação de uma nova identidade. Trata-se certamente de um processo de ajustamento que constitui um verdadeiro desafio para a maioria das participantes nestes trabalhos de investigação (Giles, 2002; Franz, 2004; Messias, 2001; Toro-Morn, 1995; Kumsa, 2002; Lebert, 1999; McMichael e Manderson, 2004).

A antropóloga Winona Giles (2002: 17) escreve «*gender, race, and class relations are associated with nationalisms and shape immigration policies and global ways of working and living*». Segundo a mesma autora, talvez seja por isso que tão pouca atenção tenha sido dada às vidas das mulheres que saíram de Portugal, durante o período áureo da emigração portuguesa para o Canadá, pondo em evidência que as portuguesas eram quase sempre ignoradas pelo governo canadiano, o que causou uma série de problemas que ainda hoje estão por resolver. Também notou que estas imigrantes continuam a ser marginalizadas, devido, em parte, às políticas de imigração que as touxeram para aqui. Contudo, Giles (2002) demonstra que numerosas portuguesas conseguiram adaptar-se bem às novas condições de vida, mesmo melhor que muitas outras mulheres em situação semelhante. Para Franz (2004) também se tornou evidente que se adaptavam mais rapidamente do que os homens. Este autor verificou que as oriundas da Bósnia foram bem sucedidas na Áustria, pois repondiam à segregação económica com a criação de redes de contacto com outras jugoslavas emesmo com cidadãs austríacas. Na cidade de Nova Iorque, as recém-chegadas da Bósnia não desejaram, nem sequer viram a necessidade, de formar alianças com grupos de etnia jugoslava previamente estabelecidos. Dessa forma, a sua integração realizou-se de acordo com fronteiras étnicas ou locais (Franz, 2004). À semelhança de Franz, Messias (2001) descobriu que na vida quotidiana as imigrantes se esforçaram por criar, manter, ou até recriar contactos com membros da sociedade brasileira e americana. Elas compreenderam que os contactos eram cruciais para a reconstrução das suas vidas no estrangeiro. É que a manutenção da cultura era para elas de importância suprema, tal

como ficou demonstrado por Toro-Morn (1995). A sobrevivência dos valores culturais foi um elemento tido em conta na nova instalação destas imigrantes, o que foi crucial neste processo.

Assim, Franz (2004), Giles (2002), Messias (2001) e Toro-Morn (1995) chegaram à conclusão que as mulheres da classe trabalhadora inventaram mecanismos para superar as suas dificuldades económicas, se bem que o seu estatuto social continuasse a ser inferior ao dos homens.

Lebert (1999: 117) afirmou que os angolanos em geral constituíam uma diáspora, apesar de não o quererem admitir. Nós constatámos que, mesmo sem intenções de regressar a Angola, muitas das participantes continuavam a manter ligações fortes com o país de origem. Lebert (1999) demonstrou que a preservação de laços culturais eram tão importantes para os angolanos como o eram para os Oromos estudados por Kumsa (2002). Por outro lado, McMichael e Manderson (2004) defendem que as somalis têm redes sociais que estão fracturadas ou que desapareceram totalmente, o que constitui uma fonte de angústia e depressão para elas. Todos estes estudos provam que as pessoas deslocadas assumem que as redes de contacto não são apenas importantes, mas cruciais para a sua sobrevivência.

Estas observações são importantes para a análise das variáveis utilizadas neste artigo: formação de identidade, «resettlement», classe, etnicidade, raça e género. Não obstante a nossa reflexão se concentrar nas angolanas no Canadá, a exploração, a perda do suporte familiar e o aparecimento de sentimentos de solidão são comuns a todos os grupos imigrantes, seja qual for a sua origem.

I. MÉTODOS

Para a redacção deste artigo, utilizámos dados obtidos num universo de onze mulheres angolanas de língua portuguesa e nascidas em África. Nas entrevistas, usou-se um questionário aberto com 61 perguntas. No decorrer dos

encontros, foram discutidas as vicissitudes da migração, as histórias pessoais e a adaptação à vida no Canadá. Contactos posteriores permitiram o aprofundamento de certas questões identificadas pelas entrevistadas e também o prosseguimento da análise de problemas relacionados com a fixação em Toronto.

Este método foi útil para obter as informações necessárias e para criar um determinado nível de empatia. Cada entrevista durou entre hora e meia e duas horas e realizou-se na casa das participantes, no Centro Comunitário Angolano, na Biblioteca da Universidade e/ou em cafés da área metropolitana de Toronto. Cerca de metade das participantes eram casadas e a maioria delas tinha o nível da educação pós-secundária. Para facilitar a comunicação, foi sempre usada a língua portuguesa e as perguntas efectuadas foram propositamente de estilo aberto de forma a que as participantes pudessem exprimir-se à vontade.

A variável dependente foi a formação de identidade. Como variável independente, a fixação. Outras variáveis foram também consideradas: o género, a etnicidade e a raça. Cedo se verificou que a reinserção numa sociedade diferente, e por vezes hostil, actuava na formação da identidade das angolanas. De maneira mais específica, a nossa hipótese era que as questões de reinserção podiam ter influências, tanto positivas como negativas, na formação da identidade. No lado positivo situam-se a construção progressiva de uma nova identidade associada ao país de acolhimento e a possibilidade de recomeçar a vida. No negativo, há a considerar a perda dos laços familiares e os sentimentos de nostalgia.

II. AS TÉCNICAS DE AMOSTRAGEM E A AMOSTRA

Os tipos de amostragem utilizados neste estudo incluíram métodos não-probabilísticos de amostragem de tipo “*snowball*” que são fundamentados como segue:

A purposive sample is one in which each sample element is selected for a specific purpose...Convenience sampling means using subjects who are

available to you (Wysocki, 2004:157)... Snowball sampling is based on researchers collecting data on the few members of the target population one can locate and then ask those individuals to provide the information needed to locate other members of that population whom they happen to know (Babbie e Benequisto, 2002:166).

Empregou-se esta combinação de técnicas devido à dificuldade em encontrar participantes. Por conseguinte, uma vez localizadas e entrevistadas, elas podiam sugerir nomes de outras angolanas para serem também contactadas. Algumas foram nomeadas por uma funcionária do Centro Comunitário Angolano de Toronto e outras com a ajuda de um estudante da mesma nacionalidade. Apesar desta colaboração, foi relativamente árduo assegurar a cooperação por causa da sensibilidade do tema e pelo facto de a entrevistadora não ser angolana.

Um das contrariedades de Lebert (1999) no acesso à comunidade angolana foi o seu desconhecimento da língua portuguesa. É fundamental que o estudo destas mulheres se efectue no seu idioma de origem. Se necessário, com a ajuda de uma intérprete, pois muitas informações pertinentes perdem-se por falta de compreensão. Muitas sentiam-se por vezes desconfortáveis na discussão de certos temas. As onze participantes tinham entre 20 e 29 anos e tinham conseguido a residência legal, apesar de terem entrado no Canadá como refugiadas. As entrevistas realizaram-se em Julho e Agosto de 2004. A amostragem foi difícil de obter devido à desconfiança em relação à entrevistadora, que era branca, lusófona e canadiana. A utilização deste método de amostragem circunscreveu por certo a abrangência do estudo e a sua fiabilidade. O método de tipo "snowball" não permitiu a desejada representatividade, dado que só foram entrevistadas as pessoas que se disponibilizaram para tal. Isto compreende-se, pois o governo canadiano continua a afirmar não existirem motivos para os angolanos se declararem refugiados no Canadá. Diversas angolanas recusaram-se a participar neste estudo devido à sua situação ilegal neste país, temendo que a entrevistadora fosse uma agente governamental encarregada de as repatriar eventualmente para Angola.

É óbvio que o tema aqui abordado é altamente sensível e de natureza problemática. O estudo da formação da identidade e do possível insucesso na fixação num meio totalmente diferente criou alguns problemas, uma vez que as pessoas entrevistadas não se sentiam à vontade com esta temática. Como seria de esperar, muitas participantes ficaram emocionadas ao discutirem estes temas. Apesar de ter sido garantida a confidencialidade e de as entrevistadas saberem que podiam abandonar o estudo a qualquer momento, verificaram-se os constrangimentos apontados.

Mesmo tendo em consideração os limites da amostragem, as entrevistas forneceram elementos preciosos para a compreensão da formação da identidade e da fixação na capital financeira do Canadá por parte destas informantes.

III. IDENTIDADE E FIXAÇÃO

O conceito de identidade é concebido de maneiras diversas, sempre dinâmicas. Ao aplicar o conceito de auto-identidade às angolanas, nota-se de imediato que as mudanças pelas quais elas passaram marcaram profundamente a formação da nova identidade. Ira Silver (1996: 3) discute a noção de «auto-identidade» que define da seguinte maneira: *“the individual's subjective sense of his or her biography being continuous, coherent and unique”*. Esta noção de auto-identidade está em evolução constante, consoante os acontecimentos na vida pessoal. Segundo Gilroy (1997: 301), a auto-identidade *«provides a way of understanding the interplay between our subjective experience of the world and cultural and historical settings in which that fragile subjectivity is formed»*. Por sua vez, Gilroy (1997: 301) mantém que a identidade pode formar-se com base em *“racial, ethnic, regional and local ties, and yet self-identity is always particular, as much about difference as about shared belonging”*. Segundo Kenedy (2004: 118), elas viveram o que se chama uma identidade “situacional”, ou seja, *“the way individuals view themselves and define their situation...as a life circumstance”*. Assim, argumenta-se que a identidade fornece uma maneira de entender as relações entre as experiências individuais subjectivas e o meio social. Por conseguinte, pode-se

facilmente compreender como um novo meio social e uma mudança nas circunstâncias pessoais influenciam tanto a identidade como a percepção pessoal (Goffman, 1959). Um bom exemplo desta ocorrência é o processo de imigração.

Nesta linha de ideias, verificou-se que todas as participantes gostam de viver no Canadá. Da nossa amostragem, nenhuma tinha vivido menos de quatro anos no Canadá, e uma delas já aqui estava há seis anos. Quando se perguntou se gostava de viver no Canadá, a participante #2 respondeu «Eu gosto realmente de viver no Canadá». Como mencionámos anteriormente, o processo de estabelecimento no novo país é sempre difícil, mas compensador. No conjunto, as participantes identificaram como o maior desafio de todos encontrar um alojamento em Toronto. Outra participante esclareceu que «Encontrar um lugar aqui e aprender a nova língua tem sido extremamente difícil». Também afirmaram que são bastante penosos os sentimentos de solidão e a falta de familiares.

Em alguns casos, o conhecimento prévio da língua inglesa facilitou a integração. Como disse uma entrevistada: “Eu já falava inglês e portanto não foi uma barreira para mim”. Outra notou: «O facto de eu saber inglês ajudou imenso».

O tema da solidão apareceu em quase todas as entrevistas, dado que muitas das participantes vieram para o Canadá sem a família. As dificuldades da vida a sós foram nomeadas em todas as entrevistas, constituindo uma variável-chave na formação da nova identidade no Canadá. No entanto, as participantes continuavam a manter laços culturais fortes com o país de origem. A importância atribuída à manutenção da identidade angolana ou «angolanidade» no Canadá (Lebert, 1998: 154) também foi sublinhada por todas as participantes. Daí poder-se adiantar que a salvaguarda desta componente do passado constitui uma prioridade durante o processo de fixação e quiçá possa facilitar a integração na nova sociedade. Todas identificaram como resultado desta imigração o crescimento pessoal, associado à nova vida e à evolução da auto-identidade. Uma participante identificou esta transformação, ao afirmar: «Cresci, amadureci e tornei-me mais segura de mi mesma». A percepção da

mudança de identidade pode ser considerada como denominador comum em todas as entrevistas. À medida que a identidade é criada e se transforma consoante as actividades de cada indivíduo (Giddens, 1991: 57), o facto de o novo meio ter um impacto nestas mulheres não dever ser surpreendente.

Embora as participantes classificassem como importante a retenção da sua «angolanidade» (Lebert, 1999: 154), todas sem excepção julgavam igualmente que a «canadianidade» fazia parte das suas novas identidades. Elas adoptaram alguns novos valores, como o respeito pela democracia e o sentido da permanência, que associam com a «canadianidade», integrando-os em seguida na sua auto-definição. Este facto é bem ilustrado quando uma delas afirma: «Para mim, ser canadiana traduz permanência, segurança, democracia e uma vida boa. Se bem que no Canadá também haja preconceitos, não receio pela minha vida ou pela vida da minha família, e isso é muito importante.»

Este processo em evolução permanente, já antes descrito por Silver (1996) e Giddens (1991), representa a fluidez na qual a identidade das angolanas continua a evoluir devido à imigração. Giddens (1991:53) propõe:

Self-identity, then, is not a set of traits or observable characteristics. It is a person's own reflexive understanding of their biography. Self-identity has continuity -- that is, it cannot easily be completely changed at will -- but that continuity is only a product of the person's reflexive beliefs about their own biography.

O mesmo autor diz que, na ordem pós-tradicional, a auto-identidade se transforma num projecto reflexivo (Giddens, 1991). Este sociólogo atesta que criamos, mantemos e revemos um conjunto de narrativas biográficas – a história do que somos e como chegámos ao que somos no presente. Como resultado do processo de imigração, as identidades foram evoluindo, desenvolveram-se e transformaram-se à medida que a vida foi mudando.

Paralelamente, o conceito de identidade também está relacionado com a variável «estigma». As participantes associaram o estigma de refugiadas à

sua identidade. Para algumas, «refugiada» é um termo vergonhoso, ao qual não desejam associar-se.

IV. ESTIGMA

No seu trabalho sobre estigma e identidade social, Erving Goffman (1963) distingue entre duas modalidades de identidade social: «virtual» e «real». Um encontro com um estranho é marcado por suposições ligadas à aparência dessa pessoa, podendo estas características impostas serem consideradas como a sua identidade social «virtual». Por outro lado, a identidade social «real» refere-se aos atributos e características que uma pessoa possui. Por outras palavras, a identidade «real» de um indivíduo tem a ver com o que ele realmente é, enquanto que a identidade «virtual» se refere ao que ele parece ser para os outros.

O mesmo sociólogo sublinha que certas pessoas estão constantemente a expor uma imagem delas mesmas, esperando que os outros acreditem no que elas aparentam. Tentam assim fazer querer que possuem os atributos que ostentam na fachada. O autor parte do princípio que, quando um indivíduo interage com outro, deseja apresentar um «*self*» que seja aceite. No seu livro *Stigma*, Goffman (1963) considera a diferença entre o que a pessoa devia ser, isto é a identidade social «virtual», e o que a pessoa realmente é, isto é a identidade social «real». Quando estas duas identidades não coincidem, o indivíduo é estigmatizado como «diferente» e «anormal».

O estigma constitui «*a special discrepancy between virtual and actual social identity... a special kind of relationship between attribute and stereotype*» (Goffman, 1963:12-14). Este autor assinala dois tipos de estigma: “*discredited*” (desonroso) e “*discreditable*” (desacreditável). O primeiro refere-se aos estigmas que são óbvios logo à primeira vista ou já conhecidos. O segundo diz respeito às características que podem produzir o estigma, mas que não são visíveis durante a interação social. As pessoas «**discredited**» constroem um repertório de comportamentos defensivos que empregam metodicamente. Para o estigmatizado, esta fase é importante e pode ser considerada como um mecanismo viável de defesa.

Esse estigma foi detectado nas entrevistas. Uma ou outra entrevistada ficava ofendida quando era utilizado o termo «refugiada» e pedia para ser referida simplesmente como imigrante. Assim, uma participante esclareceu: «Por favor, não diga refugiada, porque eu considero-me como imigrante e não como refugiada.» Houve quem dissesse o seguinte: «Por favor, refira-se a mim como imigrante porque a palavra «refugiada» tem uma conotação vergonhosa. Ser refugiada denota sempre viver na pobreza e na fome, chegar ao Canadá sem nada; eu imigrei de Angola».

Uma outra angolana insistiu: «Prefiro ser chamada imigrante, porque a qualidade de refugiada está associada a uma subordinação de segunda classe. Eu imigrei para o Canadá com o propósito de me fixar aqui definitivamente e não para regressar a África». Todas estas respostas se enquadram na teoria de Goffman sobre o estigma. Com efeito, todas as participantes tinham percepções negativas delas mesmas enquanto refugiadas e revelavam a preferência pela designação de imigrantes. Goffman (1963: 18) descreve o estigma como sendo «*any bodily sign designed to expose something unusual or bad about the moral status of the signifier*». A partir de encontros com esse tipo de pessoa, “*we construct a stigma theory, an ideology to explain his inferiority, an account for the danger he represents, sometimes rationalizing an animosity based on other differences*” (Goffman, 1963: 68). Uma vez que a identidade depende da história de vida de cada indivíduo, o estigma imposto a estas mulheres colide directamente com a percepção que elas têm de si mesmas. Dessa forma se explica que as entrevistadas tenham ficado ressentidas com o uso do termo «refugiada». A imagem duma pobre mulher chegada ao Canadá sem nada, era parte integral da nova identidade criada por algumas entrevistadas. Goffman acredita que cada tipo de estigma actua de modo diferente no comportamento da pessoa estigmatizada. Quem estiver “*discredited*” pode tentar compensar a perda inicial de estatuto, enquanto que uma pessoa “*discreditable*” pode pretender esconder ou preocupar-se com a eventualidade de o segredo ficar conhecido de mais pessoas. Como desejavam ganhar estatuto – e não perdê-lo –, tanto na formação de identidade como na migração, a utilização de um termo negativo como «refugiada» desfavorecia este processo e fazia com que preferissem ser classificadas como «imigrantes» em vez de «refugiadas».

O estigma também foi associado à cor da pele. Todas sem exceção se declararam vítimas de racismo. Por exemplo, uma chegou a afirmar o seguinte: «Os portugueses são realmente racistas, e os rapazes pensam que sou uma mulher fácil só por ser negra. Chamam-me prostituta e tratam-me como tal. Eu penso que os portugueses são realmente maus». Apesar de partilharem uma língua comum, as relações entre as angolanas de cor e a generalidade dos portugueses parecem ser de natureza estigmatizada. Indivíduos estigmatizados absorvem os valores do grupo dominante, e as entrevistadas admitiram que, de início, viram a necessidade de se assimilarem à comunidade portuguesa, quiçá por causa da língua comum ou por ser o grupo lusófono com maior presença na cidade de Toronto. Realçaram as dificuldades na interacção com os portugueses, de tal maneira que se sentem estigmatizadas e discriminadas por eles. Daí se compreender que as entrevistadas demonstrem uma rejeição em relação à comunidade portuguesa em geral.

Estas pessoas estão sem dúvida estigmatizadas. Elas estão marcadas pelo que Goffman denomina «*spoiled identity*». Este teórico explica que os estigmas são relações socialmente construídas. Historicamente, os estigmas eram impressos nos indivíduos sob forma de marcas físicas ou com um ferrete, para os envergonhar. Alguém assim designado é recriado, embora não no seu todo integral, como um ser alienado, que deve viver separado do resto da população.

V. GÉNERO E RAÇA

Dentro deste quadro de migração e identidade, o discurso feminista anti-racista trata das questões de fixação ao focar a maneira como interpretam as suas vivências na nova sociedade. Como teoria sobre a imigração de mulheres de cor, fornece-nos elementos aplicáveis ao estudo das experiências de fixação e como estas influenciam a formação de uma identidade nova.

As refugiadas angolanas têm de lutar contra os problemas comuns às outras imigrantes não-brancas. A teoria feminista anti-racista fornece uma boa pis-

ta para o estudo destas mulheres, da formação da sua identidade e dos seus processos de fixação, enquanto outras perspectivas do campo feminista não servem para dissecar muitas questões que tocam as mulheres das minorias étnicas.

Como se pode ler em Dua e Robertson (1999: 20): «*women of colour's experiences with all aspects of gender, femininity, sexuality, marriage varies substantially from that of white women*». Esta teoria pode servir de pano de fundo para qualquer estudo de imigrantes não-brancas.

O feminismo anti-racista é usado como alternativa para compreender as mulheres de cor. Dua e Robertson (1999: 17) citam a “terceira vaga” da corrente feminista anti-racista como “*concentrating on interrogating mainstream feminism both theory and praxis for its role in perpetuating racial difference*”. Vão mais longe ao afirmarem que as feministas anti-racistas partem do “*project of integrating Race and gender by its second wave predecessors*” (Dua e Robertson, 1999:17). Esta abordagem parece ser a mais apropriada para o estudo das angolanas, uma vez que tenta explicar as marginalizações que acontecem nas suas vidas no que respeita ao género, raça, classe social e etnicidade.

Calliste e Dei (2000: 15) defendem «*that critical anti-feminist discourse explores the implications of racial, gender, class, and sexual minorities' ways of making sense of their every day experiences*». Nas experiências das mulheres de cor, as variáveis identidade e fixação mostram-se ligadas. Por causa do processo de fixação num novo meio, é fácil deduzir que a formação da identidade acompanha esta alteração vivencial. Esta análise pode fornecer uma melhor compreensão das relações entre as experiências subjectivas e uma variedade de situações sociais. Portanto, a formação de uma nova identidade constitui um elemento-base quando se usa esta teoria para o estudo dos percursos de vida das angolanas e se tenta compreender como a auto-percepção que elas possuem pode ter mudado como resultado do processo migratório.

Segundo Calliste e Dei (2000: 15) “*critical anti-racist feminism locates the dialogue in the reality of women's lives and at the intersections of race, ethnicity,*

gender, and class". Esta asserção descreve as variáveis independentes de raça, etnicidade, género e classe, as quais são utilizadas neste artigo. Estas variáveis constituem componentes-chave da teoria feminista anti-racista e também contêm as variáveis alternativas aqui testadas. Em vez de apontar para o impacto separado da raça, etnicidade e género nas vidas individuais, sublinha a necessidade de desenvolver a compreensão de como estas formas de estratificação agem mutuamente.

Como a teoria feminista anti-racista se baseia nestas variáveis, poder-se-ia afirmar ser esta a melhor abordagem disponível neste quadro analítico, dado que não só contém a variável fixação/identidade, mas também considera as questões de raça, etnicidade e género.

Assim, as participantes identificaram o género, a raça, e a etnicidade como sendo idênticas, associando-as com as suas próprias identidades. Na opinião delas, os problemas associados à qualidade de mulher e cor coincidem. O género foi constantemente tido como obstáculo. Por serem do sexo feminino crêem que têm menos direitos e que a vida é mais fácil para os homens. Uma entrevistada reconheceu que, por ser do sexo feminino e imigrante, "teve de trabalhar mais arduamente para conseguir chegar onde chegou, porque uma mulher imigrante tem de ser melhor que um homem e, ao mesmo tempo, tem de manter a feminilidade. É muito duro!"

A preservação da ideia da "feminilidade" é importante para a maioria das entrevistadas. Quase todas reconhecem que se fossem homens de cor teriam tido, no Canadá, uma vida ainda mais difícil, devido aos preconceitos que aqui existem. Uma participante até acrescentou: "Muitíssimo pior!" Também defenderam que ser mulher e de cor era sempre uma desvantagem. Outra entrevistada afirmou: «Isto fez com que eu me esforçasse ainda mais para lutar contra os preconceitos raciais. A cor da minha pele não dita nem o que eu sou nem o que eu posso fazer.»

É evidente que as noções binominais que as entrevistadas possuem de "género e identidade" e "raça e identidade" estão associadas. A teoria feminista anti-racista concentra-se na análise das diferentes maneiras pelas quais as

peçoas se situam socialmente dentro das hierarquias da raça e do género. Em vez de ponderar os impactos dos factores género e classe nas vidas individuais, aponta a necessidade de desenvolver interpretações de como estas formas de estratificação se interpenetram. A raça e o género, para estas angolanas, parecem ser um todo, pois não conseguiam separar as percepções de si mesmas como mulheres e como mulheres de cor. Na mesma ordem de ideias, também assim se associa a variável género/raça à variável identidade/fixação, uma vez que por intermédio das mudanças nas percepções de género/raça, a variável identidade/fixação também foi influenciada.

Todas as participantes asseguram que a preservação da individualidade angolana no Canadá é importante. Isto significa a língua e a cultura. Todavia há outras para quem este desiderato também implica a transmissão da cultura ancestral aos filhos. Uma entrevistada explicou: «Penso que é bastante importante manter esta identidade porque é aquela com que eu cresci e que espero passar para os meus descendentes». No parecer de algumas, a identidade angolana inclui a rejeição da cultura patriarcal do país de origem. A etnicidade e a identidade parecem estar nitidamente ligadas, quando, por exemplo, uma entrevistada afirma: «Para mim, ser angolana é uma questão pessoal. Exprime o orgulho pela terra onde nasci, ter um sentimento de igualdade, de justiça, e de paz para com todos. Também quer dizer repetir e não menosprezar o meu semelhante». Na sua quase totalidade, as entrevistadas vêem-se, sobretudo, como «angolanas». Uma ou outra assume-se como «canadiana», enquanto algumas outras optam pela «afro-canadianidade».

Esta transformação pode ter ocorrido como resultado do processo de emigração e da conseqüente formação de uma nova identidade. É curioso que algumas participantes se sintam «angolanas», enquanto outras tantas rejeitam esta designação, a favor de uma mais abrangente que é a de «afro-canadianas». Manter ou repudiar a identificação com o grupo de origem valida a correlação entre a variável etnicidade e a variável formação de identidade/fixação. Como nos estudos de Toro-Morn (1995), Messias (2001), Giles (2002) e Franz (2004), a conservação dos laços culturais e dos valores étnicos é crucial no processo de fixação das angolanas, como também o é para as demais imigrantes estudadas por estas investigadoras.

CONCLUSÃO

Esta análise qualitativa das angolanas imigradas em Toronto explorou as variáveis da formação de identidade e das experiências de fixação. Recorrendo a entrevistas semi-estruturadas, a pesquisa abordou a migração, as histórias pessoais e as variadas estratégias usadas por estas mulheres de cor para se ajustarem à nova vida. A variável dependente foi a formação da identidade, enquanto que a principal variável independente foi a fixação. Na análise dos dados, chegámos à conclusão que estas duas variáveis eram frequentemente consideradas como uma única, dado que todas as participantes reconhecem que a fixação em Toronto resultou na formação de uma nova identidade. O género, a identidade e a raça são outras variáveis cuja influência foi reconhecida. As entrevistadas julgam como positiva a migração para Toronto. A perda dos laços familiares, a quebra de confiança pessoal e os sentimentos de saudade constituem os aspectos negativos nesta combinação de variáveis que foram apontados pelas participantes neste estudo.

A aparente fragilidade das conclusões finais assenta nalguns factores fora do controlo dos autores: o reduzido espaço de quatro meses para fazer o trabalho, o pequeno número de entrevistas, o tema, e, bem assim, a amostragem.

De forma a aprofundar esta pesquisa, a amostragem terá que ser alargada e as entrevistas deverão ser feitas por membros deste grupo étnico africano. Seria também desejável uma maior implicação da comunidade neste estudo, até porque permitiria o acesso a mais participantes, permitindo assim colmatar a carência de informação sobre a comunidade angolana do Canadá e, muito particularmente, sobre as mulheres nascidas em Angola.

BIBLIOGRAFIA

- BABBIE, E. E BENEQUISTO, L.** (2002). *Fundamentals of Social Research*. Scarborough, Ontario: Thomson/Nelson.
- CALLISTE, A. E DEI, G.** (2000). *Anti-Racist Feminism: Critical Race and Gender Studies*. Halifax: Fernwood Publishing.
- DUA, ENAKSHI E ROBERTSON, ANGELA** (eds.) (1999). *Scratching the Surface; Canadian Anti-Racist Feminist Thought*. Toronto: Women's Press.
- FRANZ, B.** (2004) "Bosnian Women in (re)Settlement: Gender Relations and Social Mobility", *Feminist Review*, Vol. 73, pp. 86-103.
- GIDDENS, ANTHONY** (1991). *Modernity and Self-Identity; Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford, California: Stanford University Press.
- GILES, WINONA** (2002). *Portuguese Women in Toronto; Gender, Immigration and Nationalism*. Toronto: University of Toronto Press.
- GILROY, P.** (1997). "Diaspora and the Detours of Identity" in Woodward, K. (ed.), *Identity and Difference*. London: Sage/Open University Press.
- GOFFMAN, ERVING** (1959). *The Presentation of Self in Everyday Life*. London: Penguin.
- GOFFMAN, ERVING** (1963). *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- JANUÁRIO, ILDA E MARUJO, MANUELA** (2000). "Voices of Immigrant Women" in Teixeira, Carlos e Da Rosa, Victor (eds.), *The Portuguese in Canada; From the Sea to the City*. Toronto: University of Toronto Press.
- KENEDY, ROBERT A.** (2004). *Fathers for Justice: The Rise of a New Social Movement in Canada as a Case Study for Collective Identity Formation*. Ann Arbor, Michigan: Caravan Books.
- KUMSA, M.K.** (2002). "Negotiating Intimacies in Globalized Space; Identity and Cohesion in Young Oromo Refugee Women", *Affilia*, Vol. 17, pp. 471-496
- LEBERT, J.** (1999). *Negotiating Angolanness in Diaspora*. Thesis (M.A Social Anthropology), York University, Toronto, Ontario.
- MANDERSON, L. E MCMICHAEL, C.** (2004). "Somali Women and Well-Being; Social Networks and Social Capital Among Immigrant Women in Australia", *Human Organization*. Vol. 63, No.1, pp. 88-99.

- MEINTEL, DEIRDRE** (2002). "Cape Verdean Transnationalism, Old and New" *Anthropologica*, Vol. 44, No. 1, pp. 25-42.
- MESSIAS, D.K.** (2001). "Transnational Perspectives on Women's Domestic Work: Experiences of Brazilian Immigrants in the United States," *Women and Health*. Vol. 33, Nos.1/2, pp. 1-29.
- NOIVO, EDITE** (1997). *Inside Ethnic Families; Three Generations of Portuguese Canadians*. Montreal: McGill-Queen's University Press.
- NUNES, FERNANDO** (1998). *Portuguese Canadians from Sea to Sea: A National Needs Assessment*. Toronto: Portuguese Canadian National Congress.
- SILVER, IRA** (1996). "Role Transitions, Objects and Identity", *Symbolic Interaction*, Vol. 19, No. 2, pp. 1-20.
- SOL PORTUGUÊS** [Toronto] "Deportação de Angolanos" [Angolan Deportation] (2004, April 19), p.3.
- TORO-MORN, MAURA I.** (1995). "Gender, Class, Family and Migration; Puerto Rican Women in Chicago", *Gender and Society*, Vol. 9, No. 6, pp. 712-726.
- WYSOCKI, DIANE K.** (2004). *Readings in Social Research Methods* (Segunda edição). Belmont, California: Wadsworth.